



Entre Asfalto, terras e serras¹

Rosijane Fernandes Moura

INTRODUÇÃO

São Gabriel da Cachoeira é um município com mais de 20 povos indígenas em sua região, por isso ser indígena era algo muito normal. Normal em um sentido que todas as nossas¹ características indígenas são semelhantes, como por exemplo, cabelo escuro e liso, pele morena e lisa, como a imagem estereotipada da figura feminina indígena. Entretanto, os povos indígenas possuem suas características que vão além da imagem difusa pelo mundo. Admito que, em certo momento da minha juventude, a ideia de “pessoas verdadeiramente indígenas” era a mesma que se disseminava fora de São Gabriel.

Lasmar (2005) associa a invisibilidade das mulheres indígenas à hegemonia da perspectiva masculina nas ciências sociais, além de compará-las ao caso da invisibilidade dos próprios índios, uma categoria, segundo a autora, étnica e racial ainda atrelada a representações enraizadas em fontes remotas, e cuja elaboração inicial recua aos primeiros séculos da colonização do Novo Mundo. Uma mulher que ocupava uma posição ocultada e inferiorizada, objeto de trocas, sem participação em rituais. Atualmente, com o passar dos anos, a presença feminina indígena tem tomado grandes proporções midiáticas, porém, assim como Lasmar, acredito que ainda está em círculos, associadas apenas ao sangue, a fertilidade ou até mesmo a uma imagem sexual erotizada, mesmo quando estas mulheres ocupam lugares de destaque.

Trago presente este relato, pois quando saí do município de São Gabriel e desloquei-me para a capital, vivi situações em que ser mulher indígena me trazia momentos sofridos e constrangedores, no qual não sabia como reagir devido nunca ter passado por tais situações. Onde ser mulher indígena está associada apenas a poucas palavras: Fértil, menstruação (sangue), sexualização e roça. É fato que as mulheres indígenas têm conquistado aos poucos o cenário acadêmico e lugares políticos. Contudo, sua vida cotidiana tem muito mais a acrescentar, porém, “vida cotidiana” algemou a mulher com

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia. Agradeço Capes que financiou esta pesquisa. E ainda aos editais da CAPES PROAP e FAPEAM POSGRAD 2023-2024 que custeou ajuda de custo para participar deste evento.

sua vida na roça e afazeres domésticos, no que de certa forma, ainda se reproduz a fala dos homens, que nos faz refletir se ocupamos espaços de fato ou apenas estamos sendo “trocadas” por algo que desconhecemos. Logo que, na opinião dessa autora, não deixa de parecer indígenas tutelados² nas nossas produções acadêmicas, ou mesmo, nos lugares que ocupamos. Isso pois, cada pesquisa ou ocupação de um cargo ou função precisa da “aprovação” de não indígenas e homens indígenas, por isso me faz refletir sobre o que trouxe no início do texto, que nossos corpos são objetos de trocas e sexualização. Agora, não somos apenas mulheres indígenas sexualizados com os nossos corpos, mas com o nosso intelectual.

Hoje as mulheres indígenas ocupam a academia, sendo seu corpo o território sagrado. Assim, cada ato das mulheres torna-se contribuições bibliográficas, com suas perspectivas e suas trocas de conhecimentos de mulheres para mulheres.

Visando contribuir com os conhecimentos femininos indígenas, trago presente na minha pesquisa para o doutorado “As esposas do Waí Mahsã”. Esta pesquisa tem por objetivo trazer relatos das mulheres que foram “pegas” pelos *Waí Mahsã*, as localidades que são consideradas de maior conexão com esse seres na região do Rio Negro, bem como fazer uma reflexão e comparação com os relatos de experiências de mulheres de outras regiões e estado do Brasil.

Trilhas da Roça

“Coloca o olho pra cima! Como ele vai enxergar e respirar por onde ele vai nascer?” (Moura, Elza. s.d)

“Ele”, era assim que minha mãe sempre se referia aos galhos cortados das manivas que seriam usadas para o plantio da nova roça. ELE um pronome que se referi a uma pessoa. Foi assim que minha mãe se referia ao que na biologia se classifica como planta. Não como pessoa. Esse é o conhecimento científico indígena. Tudo está conectado para o melhor andamento da vida.

Quando criança, era difícil compreender o porquê da minha mãe sempre tratar os objetos, pedra, plantas e animais como pessoas. Esse conhecimento fui adquirindo no decorrer da minha criação.

“Sente direito no banco!”

¹ Refiro-me às mulheres indígenas.

² Isso pois, refletia comigo que para que um indígena tenha reconhecimento em seu trabalho, algum não indígena deve reconhecer seu trabalho como algo importante. No caso das mulheres, as mulheres não indígenas devem dar seu “apoio” nas pesquisas de mulheres indígenas ou até homens indígenas que for am percussores no debate da temática.

“Coma rápido, você é mulher!”

“Não fique entre o meio da porta. Entre ou saia. Você sofrerá quando tiver seu filho!”

“Não retire um pedaço do beju no forno!”

“Tome mingau quente!”

As afirmativas acima citadas eram frases constantemente ouvidas por mim durante a minha infância e adolescência quando estava em casa, na cidade, ou quando íamos para a roça, na estrada. Trago presente para demonstrar que a educação com as meninas e meninos se origina muito antes da puberdade, em especial para as meninas, antes da menstruação. Fato que nas pesquisas, as mulheres são associadas ao sangue.

Apenas com o passar do tempo e dos ensinamentos que minha mãe transmitia nos nossos dias a dia que compreendi a importância do diálogo com o ambiente que nos cerca, pois também são gentes e espaço de forte conexão com o nosso passado.

Certa vez, caminhávamos em direção ao nosso terreno, e na estrada havia uma roça madura que tinha uma espécie de maniva que minha mãe sempre queria. Ela disse para ir lá cantando e dizer que ela era linda, muito bonita e cheirosa, que cuidaríamos dela. Executando o que a minha mãe orientou fui ao local e quebrei um galho da maniva e minha mãe fez o mesmo. No trajeto, dizia que sempre quis ter essa espécie de maniva, pois ela produzia mandiocas grandes com bastantes quantidade de gomas. Sem chegar na barraca, fomos direto para a roça plantar os galhos “roubados”. Ao plantar ela escolheu uma área que acabara de ser queimada e, portanto, estava muito cheirosa a terra. Ao plantar minha mãe dizia para a maniva que aquela seria sua parte, um lugar limpo e cheiroso. Após plantar, seguimos para a barraca, no trajeto dizia que tem de conversar e fazer com que a maniva se sinta acolhida porque senão a mesma ia secar de tanto chorar, ou seja, ao ser plantada não germinaria.

Ao me tornar mãe, minha mãe me contou outras relações que temos com as plantas. Elas fazem parte do nosso corpo, são o nosso corpo, cipós são veias, útero são cuias³... o nosso corpo é formado pela natureza, por isso a nossa ligação com os demais seres. Assim, devemos respeitar cada lugar, cada espaço, como quando plantamos na roça.

³ Em benzimento, o útero se transforma em cuia, no qual gera vida. Assim como na cosmologia da criação dos povos, segundo a cosmologia Tukano/Desano, no qual fui educada/ensinada.

Cada gente planta gosta de determinados locais e assim devem ser plantados, deve conversar e tratar bem, isso até a colheita e o novo plantio para que eles continuem nos cuidando e alimentado.

Os ensinamentos aqui trazidos são para demonstrar que as mulheres possuem uma relação com as plantas não somente como cultivo, mas como parte do seu corpo, logo que cada ato pode influenciar na sua saúde e na sua vida futura, como por exemplo o tipo de marido que irá ter, ou até mesmo a quantidade de filhos, dentre outros.

Conversa de mulher

Não conte para o homem, isso é de mulher!

Era assim que minha mãe falava para mim e minhas irmãs, ensinamentos que eram restritos apenas para nós mulheres. Era o dever da mais velha aprender e ensinar as mais novas. De acordo com seu clã e sua posição de nascimento, cada menina era educada conforme a “função” que ocuparia quando se casasse.

Apesar do nascimento de um menino ser sempre considerado motivo de orgulho em muitos povos indígenas, e o nascimento de uma menina não ser visto com bons olhos, cada um possui sua função dentro da tradição da família e na resistência da cultura de um povo.

Na região do rio Negro, especificamente no rio Tiquié, local onde nasci, não era diferente. Meu pai e minha mãe tiveram apenas um menino e três meninas. Na época eu tinha dois anos de idade, meu pai ainda era vivo, e por ter eu e minha irmã ele e minha mãe eram motivo de zombarias na comunidade, pois ter mais mulheres que homens não era visto com bons olhos. Contudo, meu pai dizia que ele era rico, pois as mulheres que cuidavam melhor de seus pais, conseqüentemente teria mais genros para ajudar na derrubada de roça e caça. Logo que, o homem iria cuidar dos seus sogros sendo assim, deixaria os pais.

A lógica do meu pai era muito diferente para a época, por isso, ao crescer acreditava que ele dizia isso para minha mãe somente para que ela não se entristecesse. Contudo, ao passar dos anos e convivendo com meus primos mais velhos, certifiquei-me que o pensamento dele não era vago. Assim, meu pai mesmo sem nos ver crescer,

certificou-se que seríamos mulheres com força para enfrentar o que estaria por vir. Ele sabia que não seria fácil o desafio de ser mulher indígena.

Minha mãe sofreu ao ser viúva tão nova. Queriam lhe casar com outra pessoa conforme o costume, tentaram nos tirar do seu lado e nos entregar para as tias paternas conforme a tradição, contudo, a saída da minha mãe da comunidade e a negação de seguir a tradição era uma continuidade da ligação que ela e meu falecido pai tinham entre si. Mesmo na cidade, minha mãe nos ensinou o chamado parentesco matrimonial, o parentesco por clãs. Nossa linhagem e origem. Por isso, ao ler “O que é transformado pelas pontas de nossas mãos” de Nelly Marubo (2018), fazia recordar o que minha mãe dizia sobre a importância do nosso corpo, em especial as mãos, pois elas transformam. Transforma na plantação, ao dar carinho e atenção as manivas, capinando. Transforma o alimento em força através do preparo. Transforma dor em alívio através dos preparos das ervas medicinais. Transforma mito em história através da escrita. Transforma imaginação em realidades através da direção que os dedos apontam.

“É assim o corpo da mulher, nós não podemos tocar as flautas sagradas, mas os dedos de nossas avós já tocaram elas um dia, por isso nós podemos transformar as coisas através de nossas mãos e saliva” (Moura, Elza, 2024.) As mulheres indígenas, assim como relatado por Nelly, são ensinadas desde pequenas como se comportar de acordo com a pessoa que está destinada a casar e do povo que se origina, ela também aprende a sua linhagem e do futuro esposo, bem como a língua de ambos e a tradição.

A mulher é um verdadeiro receptáculo do conhecimento indígena. Assim como ela transforma o que toca, as mulheres possuem as habilidades que lhe são ensinadas desde pequenas como preparar alimentos como a farinha, beju, quinhapira, além de objetos como cerâmicas, também vestuários e biojóias, além do próprio grafismo corporal. Entretanto, todas essas habilidades desenvolvidas com o tempo, parece a priori uma habilidade comum, porém cada uma dessas habilidades necessita de um preparo, de um passo a passo para sua melhor execução com as mãos, o chamado “resguardo”, o descumprimento resulta em doenças ou alimentos e objetos estragados. Por isso a importância da mulher na transmissão de seus conhecimentos para as gerações.

Líquido Vermelho: Passagem oculta

Quando se fala de corpos, gênero e sangue, em sua maioria, é comum associarmos diretamente aos corpos femininos, especialmente nas literaturas etnográficas. O corpo feminino é aquele que necessita de maior cuidado, visto como o corpo frágil. Mas será mesmo um corpo frágil? Durante anos as mulheres têm se mostrado ser um corpo extremamente forte, ao trazer novos seres ao mundo, ao criá-los na sociedade, ao enfrentar os desafios e transformações que a sociedade traz quando se está nesse corpo.

Evidência etnográfica abundante demonstra que, entre uma diversidade de grupos culturais, o sangue é concebido como um fluido que corporifica e atribui gênero às pessoas, ao pensamento e à força, transportando conhecimento a todas as partes do corpo. O sangue opera tanto dentro do corpo de uma pessoa quanto fora dele. O sangue vertido pelas pessoas tem um efeito transformador. sobre a experiência vivida e abre as cortinas da comunicação e da percepção que geralmente separam a experiência cotidiana da experiência de outros tempos-espacos cosmológicos. Seu entrelaçamento com o xamanismo é, portanto, fundamental. Por toda a Amazônia, sangrar é a “troca de pele/corpo” par excellence, e são as mulheres quem mais evidentemente fazem com que isso aconteça, em suas regras e no nascimento da criança. (Belaunde, pg 207-208. 2006)

Os corpos que sagram não se atêm ao líquido que sai do seu corpo feminino, o sangue, ou mesmo às portas que esse momento abre. Ser e ter um corpo que sangra vai além da primeira menstruação, ela antecede esse momento, conforme vimos anteriormente, deste que é um feto dentro do ventre de sua mãe, seu corpo está sendo formado, não apenas fisicamente, mas também com sua conexão de ser, e aqui não me atenho apenas ao “ser humano” esse termo que usamos para nos identificar quanto espécie dentro da biologia. Mas sim, seres que recortando ao corpo feminino indígena, vivem em um espaço-tempo imperceptível, carregada de energias e história de seu povo. Que além do tempo e paisagem necessitada do cuidado, reafirmando, físico e conectivo, pois a mulher zela não apenas de seu corpo, mas de tudo e todos que estão ao seu redor.

Esse corpo é a centralidade. O sangrar desde corpo não é apenas ao líquido vermelho, mas sim, a dor. A dor da transformação, de ser um bebê no útero de sua mãe e vir ao mundo, a dor da transformação de ser criança e se tornar mulher, a dor de ser geradora de vida, mas também, a dor da imposição do abandono de sua cultura, a dor de esconder seu corpo e seu ser, a dor da perda de sua terra, a dor ser uma mulher forte. Esses

corpos vão além do líquido e dos rituais, do tempo e espaço. Esses corpos sangram sem vermos. Corpos que resistem. Corpos que se conectam com a paisagem das mais diferentes fontes de conexão.

Por isso, em muitos dos trabalhos acadêmicos, ainda não estão expressos os desafios que essas mulheres que estão com seus corpos à frente do movimento enfrentam: em sua casa, na sua comunidade, nos processos de adaptação, por deixar seus filhos e esposos, por lutar por voz para as mulheres, nos espaços políticos, no qual sua capacidade ainda é questionada.

Ainda assim, com seus corpos marcados por cicatrizes visíveis e invisíveis, assim como as terras indígenas que são continuamente violadas, sangradas e ainda assim fornecem alimento e vida, as mulheres continuam pondo seus corpos-territórios nos locais que precisam ocupar espaço.

nós, mulheres indígenas, seguimos em movimento, movimentando redes, alimentando as nossas e somando as redes de outras, em um processo contínuo de promover a vida, seja das filhas e filhos, seja do território, seja do ciclo vivo das redes compartilhadas, desde nossas casas e territórios até o alcance dos corpos em movimento, territorializando tantos lugares com o corpo-território-espírito.
(SCHILD, Joziléia. pg 177, 2023)

REFERÊNCIAS

AURORA, B.[Baniwa]. A Colonização sobre as mulheres indígenas: Reflexões sobre cuidado com o corpo. Revista de Estudos em Relações Interétnicas | Interethnica,[S. l.], v. 22, n. 1, p. 109–115, 2019.

BARBOSA DUARTE DOLLIS, N. [Marubo] Nokẽ mevi revõsho shovima awe: "o que é transformado pelas pontas das nossas mãos".Campos - Revista de Antropologia, [S.l.], v. 19, n. 1, p. 23-36, jun. 2018. ISSN 2317-6830. Disponível em:

<<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/61162>>. Acesso em: 02 dez 2023.

BELAUNDE, L. E. A força dos pensamentos, o fedor do sangue. Hematologia e gênero na Amazônia. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2006, V. 49, Nº 1. 205-243.

DUARTE, L. [Tukano] Wehse darasé. O trabalho na roça. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=3iIkVrYMMH4>.

LASMAR, C. De volta ao Lago de Leite: gênero e transformação no Alto Rio Negro. São Paulo/Rio de Janeiro, Editora UNESP-ISA/NUTI, 2005.

PEREIRA, R.F. [Waikhon] Performance Avó do Mundo (Seennõ): habilidades e saberes de produção da goma (fécula de mandioca) e conhecimento milenar do Cyathus sp. Acervo da autora.

ROSAS, RIANO. D. Aprender con el cuerpo: experiencias encarnadas de la fuerza de la yuca. Revista de Estudos Feministas. No prelo.

SOARES, A. M. [Karipuna] “Sangue menstrual na sociedade Karipuna do Amapá, Brasil.”Amazônica, Revista de Antropologia. (S.1) v. 11, n. 2, p. 413- 434, dez. 2019.

SCHILD, J. [Kaingang]. Articulação das Mulheres Indígenas no Brasil: em movimento e movimentando redes. Tese defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.2023.